



Vermelho Cor da Terra ¹

Gabriela Dedio JACUBOSKI ²

Ariane Carla Pereira FERNANDES ³

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, PR

Resumo: Esse *paper* faz uma reflexão sobre o conceito de documentário enquanto filme baseado em fatos verídicos. É através desse formato, considerado por muitos como o ápice da produção audiovisual, que a câmera descobre, entrevista, mostra os personagens, nesse caso em específico, os integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais (MST), no assentamento Celso Furtado (o maior da América Latina), localizado na cidade de Quedas do Iguaçu, Paraná.

Palavras-chave: videodocumentário; assentamento; MST; Quedas do Iguaçu.

INTRODUÇÃO

Que jornalista de televisão ou que estudante de jornalismo, pelo menos, em algum momento, não teve (tem) como meta participar da produção de um documentário? Afinal, esse formato ou gênero representa, imaginariamente, o ápice da produção audiovisual. Porém, o que se entende por documentário? Questionamento fundamentado na percepção de que o termo “documentário” pode ser lido/tomado/entendido de maneiras diferentes, dependendo dos óculos teóricos e, também, da perspectiva prática que orientam o interlocutor. Por isso, essa reflexão-conversa tem início discutindo o conceito de documentário.

Rabaça e Barbosa, em Dicionário de Comunicação, definem documentário como um filme baseado em situações verídicas. Os autores acrescentam, ainda, que o documentário é o mais antigo dos gêneros cinematográficos.

A origem “cinematográfica” do documentário também é lembrada pelo crítico de televisão do Observatório da Imprensa e professor de Telejornalismo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Antônio Brasil. Ele aponta como exemplos de documentários os programas exibidos em televisões fechadas como BBC, GNT, Discovery Channel e National Geographic. Brasil ainda ressalta que o programa Globo Repórter, da Rede Globo, que

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em Vídeo (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. ano do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: gabi.jacuboski@bol.com.br.

Os demais acadêmicos da turma que também participaram da produção do Vermelho Cor da Terra, são eles: José Adolfo Gonçalves Vaz (adolfovaz_1@hotmail.com); Renata Caleffi (renatacaleffi@yahoo.com.br); Suellen Gonçalves Vieira (suellengvieira@hotmail.com).

³ Jornalista, professora efetiva do departamento de Comunicação Social da UNICENTRO, docente da disciplina de Telejornalismo e orientadora do Videodocumentário Vermelho Cor da Terra, email: ariane_carla@uol.com.br.

começou, na década de 70, ousado, seguindo o estilo documental, na década seguinte iniciou um afastamento desse gênero.

A retomada das afirmações dos autores citados tem como objetivo evidenciar como o termo documentário é “contaminado” pelo gênero cinematográfico. Por isso, recorre-se a outros autores para que se diferencie, linguisticamente, documentário enquanto filme baseado em fatos verídicos e documentário como reportagem especial ou grande-reportagem produzida com objetivos estritamente jornalísticos para ser exibido por um canal de televisão, principalmente os abertos.

Assim, Walter Sampaio afirma que o documentário representa para a televisão o que a grande reportagem representa para o jornal impresso. Já o jornalista Jorge Pontual, diretor do programa telejornalístico Globo Repórter em parte das décadas de 1980 e 1990, faz essa diferenciação (documentário cinematográfico X documentário grande-reportagem) a partir do formato. Ele afirma que, em comum, os dois têm o mesmo objetivo: contar uma história a partir de personagens. Porém, a maneira/o modo como cada um faz isso é diferente.

No formato original de documentário, segundo Pontual, há um texto lido por um narrador e imagens que acompanham esse texto. Esse modelo tradicional de documentário é seguido pelas emissoras européias e mostram, num programa de uma hora, um assunto único. Assunto esse que é contado pela câmera, sem que nenhum membro da equipe apareça no vídeo, é a câmera que descobre, entrevista, vai mostrando tudo. O autor considera esse modelo tradicional ultrapassado e salienta que o formato original exige um público especial, mais qualificado que busca informações mais elaboradas. No Brasil, esse formato pode ser conferido em canais fechados de televisão como BBC, Discovery Channel e National Geographic, além do nacional GNT.

Ainda tratando do documentário “original” ou do “modelo europeu”, vale ressaltar que a primeira tentativa de se fazer documentário na TV brasileira foi o programa Globo Shell Especial. Esse foi seguido pelo Globo Repórter que estreou, em 1973, também, seguindo esse estilo/formato. Apenas dez anos depois do programa estar no ar, é que foi adotado um formato novo que é, basicamente, o atual. Essa mudança, de acordo com Pontual, foi tomada como tentativa de reconquistar a audiência do programa que havia diminuído desde o início da exibição. A linha adotada desde a década de 1980, então, segue os programas telejornalísticos exibidos pelos canais de televisão dos Estados Unidos. Nas redes de TV norte-americanas são raros os documentários e predominam os programas semanais com grandes reportagens investigativas. Nesse modelo, ao contrário do europeu, entre a câmera

e o telespectador há um intermediário – o repórter. É ele quem investiga, conduz a matéria e interage com o telespectador. Esse formato, segundo Pontual, tem mais ritmo e é mais dinâmico. Mais voltado, assim, para o público de massa de uma rede de TV aberta, comercial.

Mostradas as perspectivas pelo qual o termo documentário pode ser lido, passamos ao termo ROTEIRO. Field responde a pergunta “o que é um roteiro?” dizendo que é uma história – contada em imagens, diálogos e descrições – sobre pessoa ou pessoas, num lugar ou lugares, vivendo sua coisa ou suas coisas. Ele também diz que roteiro diz respeito a filme, mas que também são construídos roteiros para televisão, nos dois casos no sentido de arte dramática. Já segundo Comparato, um roteiro é a forma escrita de qualquer produto audiovisual onde o roteirista trama, narra e descreve.

Os dois autores citados apresentam, em seus livros, dicas, ou melhor, roteiros de como escrever um roteiro para documentário. Ambos afirmam que todo roteiro nasce de uma idéia e que o trabalho de escrever começa com a *story line*, que é o resumo do enredo. A esse trabalho inicial, Field dá o nome de Ato 1 e é nele que são apresentados/desenvolvidos os personagens, mostrado do que a história trata e onde e quando ela se passa. O Ato 1 é seguido do ponto de Virada 1 que é um incidente que vai permitir o início do Ato 2 que é onde o personagem vai viver seu conflito. Entre o Ato 2 e o Ato 3 que é onde a história do roteiro é resolvida, solucionada há o Ponto de Virada 2 que é um segundo incidente que permite essa resolução. Comparato afirma que um roteiro só está pronto para ser filmado quando todas as cenas estão escritas. E, de acordo com o autor, pra isso o roteiro deve conter todos os detalhes da/das cena/cenas. Isto é, angulações de câmera, luz, cenário, diálogos.

Este tipo de roteiro é extremamente eficiente e necessário quando o objetivo é filmar, produzir um filme. Nesse caso, um documentário tradicional, como os europeus. Já na gravação/produção de um documentário telejornalístico, como o modelo americano da grande-reportagem, não é o mais indicado. Isso porque, seguindo Pontual, nesse modelo de roteiro não há espaços para improvisações. O que impediria o trabalho constante de apuração do repórter que é quem vai contar a história. No caso do documentário como grande-reportagem investigativa, o “roteiro” mais indicado seria uma pauta trazendo uma pré-apuração bem feita do tema que deverá ser abordado, com entrevistas pré-agendadas com personagens que se encaixam nesse tema – ou seja, pessoas que viveram ou vivem o problema a ser mostrado na grande reportagem, entrevistas essas que devem ser agendadas



para locais que falem sobre o personagem e tenham a ver com a história a ser contada. Somente após a produção na rua pelo repórter e pelo repórter cinematográfico é que o primeiro, de volta à redação, vai, com a ajuda do editor, decupar o material bruto (isto é, assistir a todas as sonoras e imagens) e fazer o texto que deve “casar” com as imagens e com as partes principais das sonoras. Num programa de grandes-reportagens, como é o Globo Repórter, segundo Pontual, esse texto final muitas vezes é feito simultaneamente ao trabalho de edição.

OBJETIVO

A turma do terceiro ano de Jornalismo, dentro da disciplina de Telejornalismo, produziu, entre os meses de abril e agosto, dez edições de um telejornal-laboratório, o Terceiro Planalto⁴. A partir da vivência da rotina de uma redação telejornalística e a prática do telejornalismo diário, partiu-se, então, para a produção de uma grande-reportagem televisiva, o Repórter Planalto⁵. E, num terceiro momento, a turma foi incitada a pensar na produção de documentários em seu formato tradicional, colocando assim em prática o conhecimento adquirido em sala de aula.

Dessa maneira, os acadêmicos selecionaram alguns temas que, embora já tenham algum espaço na mídia, muitas vezes são interpretados pelo público de maneira errônea por não serem tomados de forma específica. Entre os vários temas selecionados, o grupo decidiu pela retratação do cotidiano dos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no assentamento Celso Furtado (o maior da América Latina), encontrado na cidade de Quedas do Iguaçu, no estado do Paraná.

JUSTIFICATIVA

As aulas de telejornalismo, como qualquer prática acadêmica, devem levar o estudante de Jornalismo à experimentação. E, assim, o professor deve propor atividades com o objetivo de produzir, pelo menos, os formatos mais importantes, como o telejornal-laboratório, o documentário tradicional e o documentário enquanto grande-reportagem. Afinal, cada um deles, as maneiras diferentes de produção e, também, as diferenças estruturais levam a um

⁴ Os telejornais-laboratórios foram exibidos, sempre às sextas-feiras, pelo Telejornal Unicentro. O TJ institucional, produzido pela Coordenadoria de Comunicação Social e exibido pelos canais a cabo de Guarapuava TV Cidade e TV Difusora, abriu espaço para a produção acadêmica como reconhecimento da qualidade do material.

⁵ A grande-reportagem teve como tema a história de Guarapuava, cidade onde está localizada a Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, e também foi exibida pelos canais a cabo TV Cidade e TV Difusora.



pensar-fazer diferente e a um aprendizado distinto.

O documentário em seu modelo tradicional propicia o desenvolvimento da criatividade no momento do pensar. Antes da produção, tudo, cada detalhe – do enquadramento à luz, o cenário, os personagens, os problemas, as resoluções, as falas – deve ser pensado e expressado, detalhadamente, no roteiro. O filmar é colocar em prática o que está descrito no papel.

O porquê de fazer um documentário sobre o MST marcou também a produção, já que, apesar das diferentes visões que cercavam o grupo, ele era uma chance de mostrar que cada um poderia ter sua própria opinião sem precisar expressá-la explicitamente no documentário.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Na realização do trabalho, pode ser confirmada a importância do roteiro, já que é a partir dele que toda a história será construída. Em todas as etapas, desde a pré-produção até a edição, que deve ser mais trabalhada, a busca pelos melhores personagens deve ser constante, já que são eles que contam as histórias.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O MST, foi o resultado de vários movimentos precursores, como as Ligas Camponesas da década de 40 e o Movimento dos Agricultores Sem-Terra (MASTER) dos anos 60. O MST nasceu oficialmente no Paraná, mais especificamente em 13 de janeiro de 1984, na cidade de Cascavel. Um dos motivos para esse surgimento ter acontecido neste estado foi a grande quantidade de construções de barragens de usina hidrelétricas, o que resultava em um grande contingente de famílias rurais que ou, eram levadas para a região norte do país ou, esperavam anos para receberem outras terras no lugar das que foram usadas nas construções das usinas. Seguindo essa linha de pensamento, também se faz necessário diferenciar acampamento de assentamento. Enquanto o primeiro faz menção à fase inicial – quando não há nenhuma infra-estrutura e nenhum tipo de apoio do governo para investimentos na produção –, o segundo diz respeito ao período em que as terras já foram desapropriadas e o governo começa a investir na área.

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário, o maior assentamento da América Latina – com seus 23.433 hectares – está localizado no oeste do Estado do Paraná, mais especificamente no município de Quedas do Iguaçu. Batizado de Celso Furtado, ele

conta com 990 famílias. A área pertencia à empresa de madeira, celulose e papel Araupel (antiga Giacomet Marodin), a mesma que teve suas terras desapropriadas para fim de reforma agrária na cidade de Rio Bonito do Iguaçu, com os Assentamentos Marcos Freire e Ireno Alves dos Santos. A ocupação do território, em Quedas do Iguaçu, deu-se pela primeira vez em 10 de maio de 1999, na área intitulada de “Bacia”; em 12 de julho de 2003 foi a vez da ocupação do Silo da empresa. Por fim, em 2005 houve a oficialização do Celso Furtado como assentamento.

Uma das atividades que no momento está sendo mais rentável é a extração de resina. São 224 famílias que tiram seu sustento com esse trabalho. Além disso, é possível encontrarmos plantações de feijão, milho, soja e outros grãos.

Para a realização do documentário Vermelho Cor da Terra, o conhecimento com relação à história do Movimento foi necessário e de extrema importância. Um fator que se mostrou bastante favorável à realização do documentário foi um estudo anterior à produção, desenvolvido por uma das integrantes do grupo no assentamento Celso Furtado, usado como palco para a produção, somente assim foi possível desenvolver um roteiro com a certeza de que os melhores personagens e o melhor cenário estavam sendo utilizados.

Após o conhecimento com relação ao movimento e especificamente do assentamento Celso Furtado, o documentário teve seu início. Para facilitar o entendimento do mesmo, ele divide-se, então, em três partes.

A primeira delas, intitulada “O Movimento” apresenta relatos de experiência dos integrantes tanto de assentamentos quanto de acampamentos do MST. Esta parte dá introdução ao documentário, mostrando o porquê de as pessoas ocuparem as terras. Não deixa de ser uma apresentação do sentido do MST, contada pelos próprios integrantes.

Em sequência, os personagens relatam como aconteceram as ocupações. Nesta parte nomeada “A ocupação”, os assentados relembram sua trajetória de ocupações de terras (quantas, em que lugares, etc.). Os discursos revelam dois lados: o lado dos que já conseguiram sua terra, e o lado daqueles que ainda estão acampados, buscando um lugar fixo.

A última parte do documentário trata do futuro e, por esse motivo, recebe o nome “O Futuro”. Os filhos dos assentados/acampados sofrem junto com os pais todos os problemas do cotidiano do MST e é por isso que, muitas vezes, acabam pagando por algo sem saber o motivo. A principal vontade dos pais é conseguir se firmar para que os filhos tenham uma vida mais tranquila.



Para a realização do documentário, os quatro integrantes da equipe se dividiram em funções. A produção e o roteiro ficaram a cargo de Gabriela Dedio Jacoboski e de José Adolfo Gonçalves Vaz, que também foram os autores das imagens. Suellen Gonçalves Vieira e Renata Caleffi foram as responsáveis pela edição.

CONSIDERAÇÕES

O Repórter Planalto e o documentário Vermelho Cor da Terra foram os grandes responsáveis por essa descoberta fantástica que é o “fazer jornalismo”. Foi através deles que os acadêmicos confirmaram que o jornalismo realmente é “98 % transpiração e 2% inspiração”, já que a busca pelo melhor ângulo, pela melhor fonte e personagem e todos os demais elementos que formam um produto telejornalístico deve ser incansável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Antônio. **Telejornalismo, Internet e guerrilha tecnológica**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro** – o mais completo guia da arte e técnica de escrever para televisão e cinema. Rio de Janeiro: Racco, 2000.

PIRES, Ariel José. **O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e a Política Social Católica**. Assis, SP. 2001. Tese (Doutorado em História e Sociedade) – FCL – Universidade Estadual Paulista.

PONTUAL, Jorge. **Reportagem e documentário em “Globo Repórter”**. IN: REZENDE, Sidney; KAPLAN, Sheila. *Jornalismo Eletrônico ao vivo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. 2. ed.rev. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

CANTUQUIRIGUAÇU (PR) FARÁ PARTE DOS TERRITÓRIOS DA CIDADANIA <<http://www.mda.gov.br/portal/index/show/index/cod/134/codinterno/15703>>. Acesso em: 27/08/2008

EXTRAÇÃO DE RESINA INJETA MAIS DE R\$3,6 MILHÕES/ANO EM QUEDAS DO IGUAÇU. *Correio do Povo do Paraná*, Laranjeiras do Sul, 09 e 10 jan. 2008. Regional, p.4